

**"TEM UMA HISTÓRIA QUE EU QUERO CONTAR QUE
COMEÇA ASSIM": PECULIARIDADES DE UMA
CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL**

**ESMERALDA VAILATI NEGRÃO
FFLCH/USP**

INTRODUÇÃO

As sentenças existenciais (SE) têm sido objeto de muitos estudos, dadas as peculiaridades que apresentam tanto com relação a sua configuração sintática, quanto com relação às possibilidades de interpretação que desencadeiam, além de seu papel discursivo.

Do ponto de vista de sua configuração sintática, descartada a análise que lhes propunha uma derivação transformacional, pode-se dizer que as análises mais recentes centram-se em dois aspectos, cuja explicitação torna-se mais simples se feita a partir de uma proposta de estruturação superficial das SEs como em (1):

(1) [s Expl [sv V_{ex} SN SX]]

O primeiro aspecto diz respeito à natureza do elemento expletivo (lexical ou vazio, dependendo da língua sob investigação) ocupando a posição de sujeito de tais sentenças. O segundo aspecto consiste na caracterização do (s) constituinte (s) ocupando a posição pós-verbal dessas sentenças, o que Reuland & ter Meulen (1987) chamam de coda das SEs, no tipo de relação que se estabelece entre eles, e no tipo de relação entre a coda e o expletivo. Mais precisamente, o debate gira em torno de considerar-se a coda das SEs seja como um SN, seja como formando uma mini-oração.

Quanto à interpretação semântica, muitas das discussões são norteadas pela busca de uma explicação para o fenômeno que ficou conhecido como "Restrição sobre os SNs definidos" (RSND), por serem as SEs um dos contextos em que tal efeito se manifesta: SNs indefinidos são preferidos para ocupar a posição da coda dessas sentenças. SNs definidos, SNs universais e nomes próprios, nessa posição, geram sentenças agramaticais na maioria das línguas observadas. As hipóteses explicativas para a RSND ora associam essa restrição diretamente às características configuracionais das SEs, ora derivam tais restrições da semântica construída a partir

dessas configurações.

Uma terceira vertente de explicação pode ser encontrada no papel discursivo desempenhado pelas SEs. Foltran (1988), baseando-se em Reuland (1987), propõe que as SEs têm a função de alterar o modelo a partir do qual as sentenças são avaliadas no processo de construção de suas interpretações. Elas introduzem um novo elemento no universo do discurso.

Este artigo pretende, a partir da análise de um tipo de SE muito comum na linguagem oral do Português do Brasil (PB)¹, trazer mais alguns dados para essa discussão. Longe está a pretensão de com esta análise solucionar o problema.

UMA CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL DO PB

Crianças levadas a conversar sobre situações de medo por elas vivenciadas assim as relatavam:

- (2) Ah, assim, antes de eu morar, todo mundo ficava falando. Todo mundo tem medo lá dos maconheiro, tem uns guarda lá... um guarda lá que eu gosto que ele toma mais conta lá de tudo, foi contra um cachorro que tem lá da... da fábrica da Sears, é atrás daonde a gente mora.(J/19)

O exemplo (2) evidencia a função semântico-pragmática especial das SEs de atualização do modelo corrente segundo o qual as sentenças são checadas. A interpretação da sentença (3), parte da fala apresentada em (2), não se processa pelo mapeamento com o modelo corrente:

- (3) Tem um guarda que eu gosto que ele toma conta lá de tudo.

Nas próprias palavras de Reuland (apud Foltran, 1988):

"Whereas in the case of standard declarative sentences the interpretation of the sentence is computed on the basis of properties of the model, in the case of E-sentences properties of the model are computed on the basis of the interpretation of the sentence" (p.71).

É desta função especial das SEs que Reuland deriva a RSND.

¹ Os dados aqui apresentados fazem parte do conjunto de dados obtidos para a pesquisa "A distribuição e a interpretação de pronomes na fala de crianças da escola pública", em que diálogos com uma hora de duração entre pares de crianças nascidas em São Paulo, cursando a 5ª série de uma escola municipal da periferia de São Paulo, foram gravados (19 crianças, 10 horas de diálogos no total). Esse projeto teve o apoio da FAPESP.

Se a interpretação das SEs não é feita pela relação com o modelo corrente, SNs designando entidades do modelo ou SNs que operam sobre entidades do modelo serão excluídos da coda das SEs. Portanto, os SNs nessa posição têm uma interpretação absoluta, ou seja, seu determinante não funciona como um quantificador, mas tem um caráter adjetival, como propõe Higginbotham (1987).

Nascimento (1984), na tentativa de determinar as condições em que o PB permite a inversão do sujeito, mostra que todas as frases com sujeito posposto, que ele chama de sentenças apresentativas, exibem as propriedades semânticas usualmente associadas às SEs, entre elas a RSND. No entanto, para ele essas restrições não devem ser descritas em termos de definição ou indefinição do SN, mas em termos de só participarem dessas construções SNs que admitem uma interpretação denotadora de "lista": a interpretação do SN de sentenças apresentativas remete a um conjunto maior do qual o SN é um dos elementos nele contido. Um bom exemplo dessa interpretação é (4), correspondente ao exemplo (2.59) do autor:

- (4) - Há ainda alguém para ser atendido?
- Há o professor Gabriel. (p.93).

Para Nascimento, a coda de uma SE pode ser ocupada por um tipo de predicado² que identifica a referência de um elemento, no caso "o professor Gabriel", pela relação de pertinência a ou de exclusão de um conjunto, no caso, o conjunto das pessoas a serem atendidas. Dessa maneira a RSND é explicada. SNs cuja interpretação remete à totalidade do conjunto são excluídos do contexto das SEs. O autor enumera, então, os SNs passíveis de favorecerem uma interpretação de lista. Entre eles ele inclui SNs contendo relativas restritivas como (5)³:

- (5) a. Havia o livro de que você me falou na Biblioteca.
b. Já apareceu o carro que foi roubado.
c. Chegaram os livros que você encomendou.
d. Sumiu a bola que eu tinha guardada aqui.

A construção existencial a ser investigada neste artigo também apresenta na sua coda um SN seguido de relativas:

- (6) E teve uma história que passou no rádio, não sei se é verdade, que o cara falava assim: "se o diabo me ajudar eu vou ganhar na loto". (E/09)

Neste tipo de SE, o SN da coda é sempre seguido por uma

² A idéia de que os SNs da coda das SEs é um predicado é retomada em um artigo mais recente (Kato & Nascimento, 1990).

³ Esses exemplos correspondem aos exemplos (2.67a., b., c. e d.) do autor.

ou mais relativas, nos dados colhidos. Essa construção coloca as seguintes questões: 1º) que tipo de relativas são essas?; 2º) todas elas são de mesma natureza?; 3º) podem elas fornecer evidências sobre a estrutura da coda das SEs?

AS RELATIVAS DA CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL EM ESTUDO

Cooper (1983), ao propor um modelo semântico de processamento das construções wh- em Inglês, apresenta algumas propriedades sintáticas e semânticas que distinguem as relativas restritivas das relativas não-restritivas, também chamadas apositivas. Em primeiro lugar, cada uma delas contribui de maneira diferente para a interpretação da sentença na qual elas se inserem:

- (7) a. O homem que beijou Maria deixou a cidade.
b. O homem, que beijou Maria, deixou a cidade⁴.

Para as sentenças (7a) e (b), as condições de verdade são distintas. Enquanto a sentença (7a), que contém uma relativa restritiva, diz que no universo do discurso há um único homem com a propriedade de ter beijado Maria e esse homem deixou a cidade, a sentença (7b), que contém uma relativa não-restritiva, diz que há um único homem no universo do discurso, e esse homem beijou Maria e deixou a cidade. Portanto, em (7b) só há um homem no universo do discurso ao passo que em (7a) só há um homem que beijou Maria, mas pode haver mais homens no universo do discurso.

Em segundo lugar, algumas das propriedades distribucionais por ele apontadas podem interessar para a caracterização das relativas na SEs do PB: somente não-restritivas modificam nomes próprios; não-restritivas vêm depois de restritivas; um único SN pode ter mais de uma restritiva a ele relacionado, mas somente uma não-restritiva; alguns SNs não podem ser modificados por não restritivas. Como exemplos, Cooper apresenta o contraste entre relativas restritivas e relativas não-restritivas modificadoras de SNs universais:

- (8) a. Todo aluno que gosta de participar das atividades esportivas tem que trazer seu próprio material.
b. *Todo aluno, que gosta de participar das atividades esportivas, tem que trazer seu próprio material.

A agramaticalidade de (8b) advém do fato de que a relativa associada ao SN "todo

⁴ A relativa não-restritiva vem entre vírgulas para indicar a pausa intonacional que geralmente marca este tipo de relativa.

aluno" é não-restritiva⁵. O autor não busca uma explicação para essa inaceitabilidade, mas sugere que ela está relacionada muito mais ao significado da sentença do que a sua sintaxe. Ele aponta, também, uma correlação entre a inaceitabilidade de sentenças em que relativas não-restritivas associam-se a SNs universais e a impossibilidade desses SNs funcionarem como antecedentes de um pronome em outra sentença, ou seja, a impossibilidade do estabelecimento de um elo anafórico entre um pronome e um SN desse tipo, em sentença anterior independente:

- (9) ?Todo aluno tem que trazer seu próprio material. Afinal de contas ele gosta de participar das atividades esportivas.

Para Sells (1985) essa correlação está na base da caracterização do significado da modificação não-restritiva em contraposição à modificação restritiva. Para ele, no entanto, do mesmo modo que, em orações independentes, a ligação anafórica entre um pronome e um SN quantificado pode ou não gerar sentenças agramaticais, nas sentenças relativas, a inaceitabilidade da modificação não-restritiva quando associada a um SN quantificado não é geral. Compare (9) com (10), e (8b) com (11):

- (10) Todo aluno tem que trazer seu próprio material. Afinal de contas ele deverá usá-lo para participar das atividades esportivas.
- (11) Todo aluno tem que trazer seu próprio material, que ele deverá usar para participar das atividades esportivas.

Passa, então, a explicar a aceitabilidade ou não-aceitabilidade da anáfora entre pronomes e SNs quantificados em sentença anterior independente, e relativa não-restritiva e SNs quantificados, por meio da noção de continuidade discursiva. Propriedades como centralidade do SN objeto e continuidade temporal garantem a continuidade do discurso⁶.

Usando a teoria semântica conhecida como Teoria da Representação do Discurso proposta por Kamp (1984), Sells argumenta sobre a necessidade de postular-se um nível de representação discursiva para derivar a interpretação das relativas não-restritivas. Para fins de caracterização das relativas das

⁵ Para entender a agramaticalidade de (8b) é preciso comparar sua interpretação não-restritiva a interpretação restritiva de (8a). Em (8a), o quantificado todo opera sobre o conjunto de alunos interessados em participar das atividades esportivas e diz que todos os membros desse grupo devem trazer seu próprio material. Em (8b), todo opera sobre o conjunto de alunos e diz que o total de elementos desse conjunto tem a propriedade de gostar de participar das atividades esportivas, o que é muito estranho.

⁶ Como o objetivo deste artigo não é explicar a aceitabilidade ou inaceitabilidade dessas sentenças, não me deterei na explicação da noção de continuidade discursiva (v. Sells, 1985, p.8-14).

SEs em PB, só as intuições depreendidas de sua análise serão utilizadas, deixando-se de lado a discussão da mecânica da construção dessas estruturas de representação do discurso, bem como as vantagens, segundo ele alcançadas com essa abordagem.

Sells reconhece três tipos de ligação que podem estabelecer-se entre um pronome e um SN antecedente: vinculação, coespecificação e correferência. Ele diz: "Vinculação é uma anáfora licenciada sintaticamente, coespecificação é uma anáfora licenciada no discurso e correferência não é anáfora." (p.27). A relação anafórica estabelecida, tanto entre um pronome e um SN anterior em orações independentes, quanto entre um pronome relativo e um SN núcleo (antecedente de orações relativas) em relativas não-restritivas, é uma ligação por coespecificação.

Assumindo-se a concepção de que a interpretação de uma sentença é gerada a partir da composição dos valores atribuídos a cada uma de suas partes quando reportadas a um modelo de mundo, ou ainda ao universo do discurso, pode-se dizer que, para Sells, a relação anafórica que se estabelece entre o pronome e o SN antecedente nos contextos de modificação não-restritiva obriga que se atribua ao pronome a interpretação resultante da verificação de todas as maneiras pelas quais o SN antecedente foi avaliado no modelo ou universo do discurso em questão. Mais ainda, o pronome faz com que a interpretação do SN corresponda ao conjunto máximo total de entidades do modelo por ele denotadas. Na modificação restritiva, por outro lado, o pronome é avaliado com relação à interpretação particular contingente do SN antecedente. Um exemplo ajudará a perceber a diferença:

- (12) a. Maria tem alguns cães que latem sem parar.
b. Maria tem alguns cães, que latem sem parar.

As sentenças (12a) e (12b) têm condições de verdade distintas: (12a) diz que Maria possui algumas entidades que têm as propriedades de ser cão e de latir sem parar; (12b) diz que Maria possui algumas entidades que têm a propriedade de ser cão e todas elas têm a propriedade de latir sem parar. Ou melhor, em (12a) Maria possui alguns cães latidores e em (12b) Maria possui alguns cães e todos os cães de Maria latem sem parar. Em (12b), o elo anafórico estabelecido entre o pronome relativo⁷ e o SN núcleo de relativa é de tal natureza que desencadeia a interpretação segundo a qual a modificação expressa pela oração relativa diga respeito ao conjunto máximo de entidades do modelo denotadas pelo SN alguns cães. É este tipo de elo anafórico que Sells denomina de coespecificação. Já no exemplo de modificação restritiva (12a), resultante de uma organização sintática em que a oração relativa está sob o escopo

⁷ A análise de Sells, se transposta para dados envolvendo as variantes não-padrão das relativas do PB (Tarallo, 1983), tem que levar em conta a dúvida sobre o estatuto pronominal do que introdutor dessas relativas, bem como o tipo de elo anafórico que se estabelece entre o SN núcleo e o pronome lembrete presente em certo tipo de relativa do PB.

do determinante alguns, o elo anafórico entre o pronome relativo e o SN alguns cães é o de vinculação. Neste tipo de relação, a oração relativa representa uma propriedade atribuída ao nome cães.

As propostas de Cooper e de Sells a respeito da distinção entre relativas restritivas e relativas não-restritivas acima discutidas, oferecem o instrumental necessário para uma descrição da estrutura em constituintes da coda das construções existenciais do PB apresentadas no final da seção anterior e, portanto, para uma busca de respostas para as questões lá levantadas.

Retomando a fala em (6), aqui (13), reescrita somente em parte para que se destaquem os elementos pertinentes para a análise:

(13) Teve uma história que passou no rádio, que o cara falava assim.

pode-se dizer que a coda da SE que (13) representa é composta por um SN, contendo uma relativa restritiva, mais uma relativa não-restritiva. A sentença (13) é entendida como trazendo para o universo do discurso uma história contada no rádio e nessa história um cara falava algo.

A descrição aqui proposta para a composição da coda desse tipo de SE do PB, qual seja - SN contendo ou não uma relativa restritiva, seguido de relativa não-restritiva - pode ser confirmada pela averiguação de mais algumas falas de crianças. Observe:

(14) Também tem uma fita que ele tem que é Sexta-feira 13.(E/09)

Esta sentença é parte da fala de um dos meninos entrevistados no momento em que, perguntado sobre o que ele e os amigos costumam fazer, ele responde que, com um amigo, ele costuma ler e trocar gibis e, em seguida diz (14). Produzida da maneira como apresentada em (14), esta sentença tem a função de introduzir na conversação a fita cuja história ele passa a contar. O SN uma fita que ele tem, em que a relativa é restritiva e, portanto, está sob o escopo do determinante uma, gera a interpretação de que, dentre as fitas que o amigo tem existe uma. A modificação não-restritiva da relativa que é Sexta-feira 13 contribui com a interpretação: e esta uma fita é Sexta-feira 13.

Em outro exemplo, (15), parte da fala de outra criança, estrutura semelhante pode ser encontrada:

(15) Não, tem uma irmã minha que é mais velha, tem 14 anos. (J/19)

A sentença (15) é uma resposta à pergunta se o informante era o filho mais velho. A resposta (15), em que a relativa que é mais velha é restritiva, possibilita a interpretação de que ele tem outras irmãs, fato confirmado na seqüência da conversa.

A modificação não-restritiva tem 14 anos, introduzida sem o pronome relativo, vem dar suporte à análise de Sells, segundo a qual é o elo anafórico estabelecido entre o pronome (no caso uma categoria vazia ocupando a posição de sujeito) e o SN, em orações independentes, ou entre o pronome relativo e o SN núcleo, em construções relativas, que determina as características de tal modificação.

Se com esta análise de algumas das SEs com relativas encontradas na fala de crianças da escola pública responde-se as questões (1) e (2) propostas na seção anterior, cabe agora responder à questão (3): pode este tipo de construção fornecer evidência sobre a estrutura da coda das SEs?

A MODIFICAÇÃO NÃO-RESTRITIVA E A CODA DAS SEs

Reuland & ter Meulen (1987), no capítulo introdutório ao livro sobre a representação da RSND, por eles organizado, discutem a natureza da relação que se estabelece entre os constituintes SN e SX, componentes da estrutura da coda das SEs tal como apresentada em (1), aqui repetida como (16) para conveniência:

(16) [s Expl [sv V_{ox} SN SX]]

Após exame das possibilidades levadas em consideração por Huang em artigo no mesmo livro, Reuland & ter Meulen propõem que o constituinte SX modifica, de maneira não-restritiva, o SN da coda das SEs. Para chegar a essa proposta, os autores descartam a hipótese de atribuir a SN e SX uma estrutura equivalente à de uma mini-oração, com base nos argumentos de que mini-orações são objetos de verbos que envolvam um complemento proposicional, ou seja, uma expressão denotadora de valor de verdade, e de que o SN sujeito de tais orações comportam um uso quantificacional de seu determinante, fato este incompatível com a RSND observada nos SNs das SEs.

A hipótese de que a relação entre SN e SX seja de predicação também é descartada, com base na comparação entre a interpretação resultante de modificação restritiva e a interpretação resultante de modificação não-restritiva de SNs, como nas seguintes sentenças traduzidas do Inglês:

- (17) a. Tem o carro na garagem.
b. Tem um carro na garagem.

Em (17a) o constituinte na garagem, um modificador restritivo e, portanto, sob o escopo do determinante o, gera a interpretação de que o carro na garagem é um elemento de um conjunto maior introduzido por pergunta prévia ou mencionado anteriormente, ou ainda, inferido pelo contexto. Esta é a interpretação denotadora

"de lista", previamente discutida. Já em (17b), sentença em que o constituinte na garagem é um modificador não-restritivo do SN um carro, tem-se a interpretação de que uma entidade já identificada, denotada pelo SN, é introduzida no universo do discurso, o que acarreta a impossibilidade do determinante ter uma interpretação quantificacional. Sendo assim, a interpretação do SN conterá somente as propriedades expressas pelo SN, mas nenhuma das propriedades expressas por SX. Segundo os autores, essa interpretação foge da que seria gerada por uma relação de predicação, tal como comumente assumida: "Na interpretação padrão de predicação, a propriedade denotada por SX é um elemento do conjunto de propriedades denotadas pelo SN, correspondendo estas últimas à propriedade denotada pelo nome." (p.18).

A proposta alternativa que conclui o artigo é a de que a coda das SEs, construída com uma denotação de SN, estabelece entre os constituintes SN e SX uma relação de conjunção das propriedades denotadas por cada um deles, tendo o determinante introduzindo o SN, um valor não-quantificacional, ou seja, cardinal. Os autores utilizam-se do processo de coindexação para representar a interpretação não-restritiva da coda de (17b) como:

(18) [Det carro (x_i)] & [na garagem (x_i)]

Se, a explicitação da interpretação de (17b) for traduzida pela maneira intuitiva adotada anteriormente, revela-se a correspondência entre o tipo de relação que se estabelece entre os constituintes da coda das SEs, defendido por Reuland & ter Meulen, e a análise das construções existenciais com relativas do PB aqui desenvolvida a partir da caracterização que Sells faz da modificação não-restritiva por oposição à modificação restritiva. Dessa maneira, pode-se dizer que a sentença (17b) introduz, no modelo de mundo ou no universo do discurso, uma entidade (uma no sentido cardinal do termo) com a propriedade de ser carro e essa entidade tem a propriedade de estar na garagem.

A constatação dessa correspondência não só vem dar motivação para a análise desenvolvida para as construções existenciais com relativas, encontradas na fala das crianças da escola pública, como também mostra que a estruturação atribuída aos constituintes de sua coda pode ser vista como comum à coda das SEs. Portanto, as construções existenciais com relativas podem funcionar como evidência em favor de uma análise que proponha para a coda das SEs uma configuração de SN em que expressões modificadoras podem associar-se por adjunção tanto a um nome ou a um nível intermediário de projeção de N, desde que sob o escopo do determinante (modificação restritiva), quanto a uma projeção máxima de N já fechada pelo determinante, conseqüentemente com a expressão modificadora fora do escopo do determinante de SN (modificação não-restritiva).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A argumentação desenvolvida para a sustentação da hipótese de que a estrutura proposta para a coda da construção existencial examinada neste artigo possa ser generalizada para as SEs do PB, embora promissora, não deixa de apresentar problemas. A modificação não-restritiva do SN, desencadeada pela oração relativa a ele adjungida, centra-se no estabelecimento de uma relação anafórica de coespecificação entre o pronome e seu antecedente. Acontece que, em SEs sem relativas, apesar da plausibilidade da proposta de que a relação entre o SN e o sintagma que o segue também seja de modificação não-restritiva, fica mais difícil explicar como a interpretação do SN, denotando o conjunto máximo de entidades do modelo, é gerada sem a presença de elementos relacionados anaforicamente. Soma-se a este, o problema da determinação da natureza do elemento expletivo ocupando a posição de sujeito das SEs e de sua relação com os constituintes da coda. Talvez, até mesmo, não se trate de uma soma, mas na relação do elemento expletivo com a coda possa-se encontrar a solução para o problema anterior. No entanto, esta é uma outra história, que fica para uma outra vez. Ou será que esta é uma história sem fim?

BIBLIOGRAFIA

- COOPER, Robin. Quantification and Syntactic Theory. Dordrecht, D. Reidel Publishing Co., 1983.
- FOLTRAN, M. José G. D. A função semântico-pragmática das sentenças existenciais ou o que há antes e depois do existir. Curitiba, 1988. Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Paraná.
- HIGGINBOTHAM, James. Indefiniteness and predication. IN: REULAND, Eric J. & ter MEULEN, Alice G.B. The representation of (in)definiteness. Cambridge MA, The MIT Press, 1987.
- KAMP, Hans. A Theory of Truth and Semantic Representation. In: GROENENDIJK, J. et al. Truth, Interpretation and Information. Dordrecht, Foris, 1984.
- KATO, Mary & NASCIMENTO, Milton do. Impersonals as raising verbs. Trabalho apresentado no IX Congresso Internacional da ALFAL. Campinas, IEL/UNICAMP, ago. 1990.
- NASCIMENTO, Milton do. Sur la position du sujet dans le Portugais du Brésil. Paris, 1984. Tese (doutoramento), Université de Paris VIII.
- REULAND, Eric J. & ter MEULEN, Alice G. B. The representation of (in)definiteness. Cambridge MA, The MIT Press, 1987.
- SELLS, Peter. Restrictive and non-restrictive modification. Stanford, Report CSLI, 85-28: jul. 1985.
- TARALLO, Fernando L. Relativization strategies in Brazilian Portuguese. Philadelphia, 1983. Tese (doutoramento), University of Pennsylvania.